

SONIA LINS

O avesso e o direito

POR CLÁUDIA FARES

Sonia Lins nasceu em abril de 1919 em Belo Horizonte com o destino de ser artista da palavra e da memória.

Seu trabalho é um raro exemplo da confluência do talento e da vocação. Talento para flagrar a palavra e vocação para persegui-la, colocar em evidência o que ela encobre e não esgota, quebrá-la e com seus cacos compor outras.

De temperamento inquieto, Sonia Lins desde cedo encontrou no tricô uma maneira de se apaziguar. Esta prática na confecção de teias pode ter sido o solo propiciador para que se cumprisse seu destino de contar e recontar, de fazer, desfazer e refazer, de lembrar, esquecer e relembrar. Sonia adestrou-se neste moto contínuo, adotou-o como território e, com isto, nos presenteia com textos que são gestos. Gestos de concisão, de insuportável lucidez e beleza. Seus textos, crônicas e contos tornaram-se conhecidos nos anos 50, quando passou a publicá-los no suplemento dominical do "Jornal do Brasil". Na mesma época



Capa de *Ba-ti-cum*, livro com memórias de Belo Horizonte

expôs, em Paris, seu primeiro trabalho; um gache inspirado em uma formiga de 18 metros...

Muito a propósito chamou seu primeiro livro de *Ba-ti-cum* (1978), ritmo sintético e essencial da perpetuação da vida. Livro de memórias de sua infância em Belo Horizonte, memórias da cidade recém-fundada que guardam ainda o frescor dos jasmíns do jardim da casa vizinha à casa paterna. Sonia parece escrever com "uma câmera engastada nos olhos" deixando aparecer o que é, livrando-se dos adjetivos e advérbios, dando lugar aos nomes e às ações. Mais que isto, deixando-se re-

ger por um tempo que tudo urde. Tempo em que "não existia pedestre e todos caminhavam", tempo em que era possível "chover tâmara toda a tarde". Tempo do coletivo que permeia o individual, tornando-o instrumento de relato de uma história ineliminável desdobrada em pequenos episódios, retalhos de lembranças, cirrilações do cotidiano.

Nesta dinâmica tenaz de descoberta de sentidos surgem novas sílabas, destacam-se letras, instau-

rando-se um movimento gráfico que cria formas e desenhos. Não bastasse cada frase ou verso ser a fulguração de uma imagem, palavras, sílabas, versos ganham volume e ocupam o espaço para sinalizar o essencial, tornam-se o nomeado.

Os desenhos de Sonia Lins obedecem à mesma irreverência face ao estabelecido que orienta a descoberta e a desconstrução das palavras. Neles revela-se a maestria de uma iniciada na experiência radical dos trabalhos manuais: a falta de parcimônia no refazer e na minúcia, a total parcimônia quando se trata de definir o que importa. E se uma lei existe neste processo, ela é a de perceber a oscilação o avesso e o direito, o isto e o aquilo de que as coisas são feitas e pelo que as coisas são transformadas.

Sonia Lins não se considera artista, por considerar que ser artista é uma coisa totalmente diferente dela, que só gosta de brincar seja subvertendo as palavras, seja criando objetos, seja dedicando um ano inteiro de sua vida a fazer da palavra eu o ponto com qual bordou imagens que confirmam o outro como condição de sua existência.

Este percurso tão original e límpido tem sido percorrido sem qualquer ambição, a não ser a de obsessivamente fazer, a de transitar com rara desenvoltura entre a palavra, a expressão gráfica, o desenho e a confecção de objetos. Neste processo prevalece a ousadia de adotar o erro como único caminho para o acerto e de transformar a adversidade numa estimulante provocação ao exercício do humor.

É o nascimento, nunca possui que fizem me apropriado



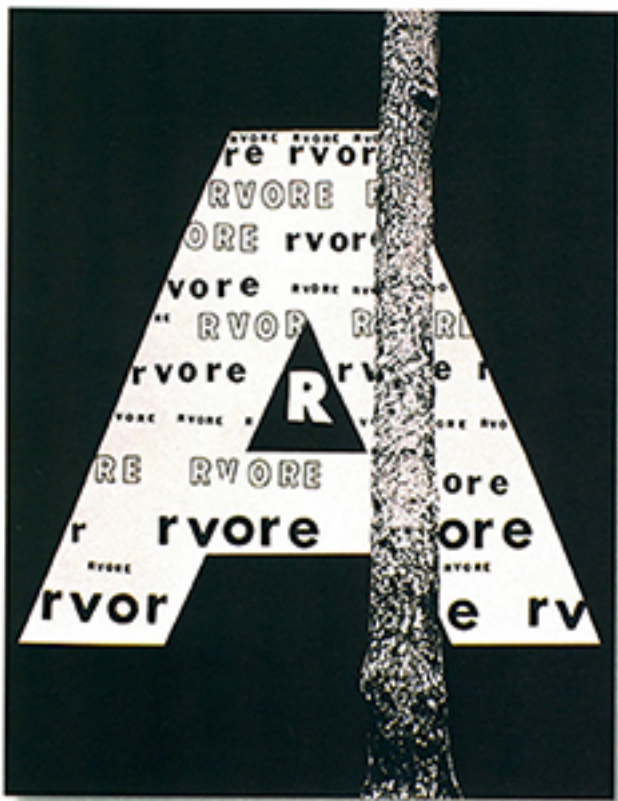
Capa de Artes, de 1990: a linguagem gráfica de Sonia Lins revela suas ligações afetivas com a irmã, Lygia Clark



Desenhos de Eu, 1999: uma coleção de "eus" dá forma aos esboços precisos da autora.



Cartão postal: Ilustração com um dinossauro voando sob um céu tempestuoso com raios de luz e nuvens escuras.



Livro de Árvore de 1984: desenhos-collages alertam para a destruição sistemática da fauna e flora brasileiras.

As obras

Em **BATICUM**, 1978, como uma batida do coração, ba-ti-cum-ba-ti-cum, o jogo gráfico de letras e palavras toma forma e de nuvens de chuva vão pingar gotas de Cs, Hs, Us, Vs, Ax, Ss... para contar a fundação da capital mineira e de suas memórias de crianças.

Estas mesmas letras vão se transformar em folhas, frutos e troncos de árvores num livro de desenhos-collages, o **LIVRO DA ÁRVORE** que, em 1984, alerta para a destruição da fauna e flora brasileiras.

Em 1994, o humor e a ironia de Sonia Lins recriam **ABBE-TÉ SÉSAMO** dentro da tradição dos almanaques populares, livros de desenhos, crônicas e anedotas.

Com a publicação de **ARTES**, em 1996, a linguagem gráfica da autora nos introduz na intimidade junto à irmã Iygia Clark.

EU, livro de 40 desenhos realizados em 1999, no qual uma coletividade de "eus" dá forma aos esboços precisos da autora.

ÉS TUDO, é uma coletânea de 200 poemas-jogos de palavras curtos, editados em forma de um livro convencional e em forma de rolos... de papel higiênico.

STOP/START, um mini-livro de 20 desenhos-charges acondicionados numa caixa de fósforos, realizado em 1997, convida à reflexão sobre o stress do dia-a-dia e os prazeres de uma vida de lazer.

HISTÓRIAS EM QUADRÕES reúne uma série de 7 desenhos acondicionados numa caixa acrílica e que têm por tema as diversas etapas de um diálogo conjugal.

O TEMPO DO TEMPO, de 1999, é um mini-livro reunindo diversos desenhos inspirados no ciclo natural da vida que analisam o início, o meio e o fim de histórias.